

1521571 Violência contra Mulher
AJUDA AS DEFENSORAS VÃO ATENDER A DEMANDAS NAS ÁREAS DE FAMÍLIA, CÍVEL E CRIMINAL

Apenas 10% das mulheres agredidas denunciam parceiros

Defensoria Pública realiza hoje um plantão especial para receber denúncias

ELAINE VIEIRA
evieira@redgazeta.com.br

Todos os meses, a Defensoria Pública do Estado recebe cerca de 20 denúncias de violência contra a mulher. Na maioria dos casos, os agressores são maridos ou companheiros das vítimas. Mas a vergonha de admitir e o medo da reação do parceiro fazem com que apenas dois desses casos sejam investigados, pois as mulheres não denunciam formalmente

seus agressores.

Para a defensora pública Beth Haddad, mais do que o medo, são a dependência financeira e a sensação de incapacidade para formar uma nova vida que fazem com que mulheres aceitem sofrer caladas dentro de suas próprias casas.

Segundo dados da defensoria, 70% das agredidas são de classe baixa, têm entre 16 e 23 anos e são negras, ou mulatas. Os bairros em que há mais ocorrências são Nova Rosa da Penha, em Cariacica; Planalto Serrano, na Serra; Terra Vermelha, em Vila Velha; e São Pedro, em Vitória.

Os motivos para a agressão são variados. Das dívidas do casal até o envolvimento com álcool ou drogas, tudo pode terminar em violência.

Mas, além de socos e pontapés, há muitos outros tipos de violência contra a mulher, ressalta Beth. Para conscientizar as pessoas a respeito disso, a defensoria realiza hoje um plantão especial em Vitória.

As defensoras vão atender demandas nas áreas de família, cível, criminal, direito do consumidor, inscrição de exame de DNA, entre outros.

A idéia é conscientizar, mas segundo a defensora, falta estrutura para apoiar mulheres que tenham coragem de denunciar. “Não há abrigos, ou casas de apoio para que essas mulheres não tenham que voltar para a casa em que são agredidas. Além disso, a Lei Maria da Penha, que deveria suprir essa demanda, não é seguida”, critica.

Violência se aprende em casa Revista conta histórias reais

Histórias reais contadas por quem viveu a violência de perto ou acompanhou o sofrimento de uma amiga. Assim nasceu a revista Intransitabilidade, que será lançada na próxima sexta-feira. A revista é fruto do trabalho de 11 mulheres, entre pesquisadoras da Ufes e ativistas da Casa da Mulher, que abordam os tipos de violência sofridos pelas mulheres. “Violência não é só dar socos. Humilhar, destratar ou privar alguém de algo necessário também é um ato violento”, ressalta a professora Clarisse Passos. “Muitas vezes a violência vem de onde menos se espera. Quando uma mãe obriga as filhas a fazerem todo o serviço de casa enquanto os meninos ficam livres para jogar bola, ela está violentando essas meninas, e reproduzindo uma cultura que não cabe mais no mundo de hoje”, exemplifica outra membro do grupo. Além de esmiuçar a violência, os diversos textos da revista propõem formas de reação, incentivando a denúncia e a cobrança de políticas públicas que possam apoiar as vítimas.

MARQUE NA AGENDA

HOJE

8h Oficinas na Igreja Católica de Vila Bethânia e na Unidade de Saúde de Marcílio de Noronha, em Viana.

8h30 Abertura do Vitória Mulher que traz a atriz Susana Vieira e o apresentador Olivier Anquier. Tel: 3224-0634

8h30 Plantão da Defensoria Pública para ajudar vítimas de violência. Na Praça Oito, em Vitória, até as 13h30.

9h Palestras e oficinas nas unidades de saúde da Serra

14h Palestra sobre violência contra a mulher, no Auditório do Centro Integrado de Cidadania (CIC) -

Areinha, Viana. Entrada franca

QUINTA

9h Marcha das Mulheres. Entrada franca. Saída da Pracinha de Jucutuquara até o Palácio Anchieta

SEXTA

19h Lançamento da revista Intransitabilidade - Mulheres que escrevem. Entrada franca. Local: Auditório do E.E.E.T. Vasco Coutinho, Vila Velha. tel: 3391-4940

SÁBADO (10)

8h Seminário do Projeto Conviver, para portadoras de câncer. Local: Escola Primeiro Mundo, Vitória. Entrada franca. Telefone 3224-5944.